

A INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19 NA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO

DOI: 10.48140/digitaleditora.2022.005.14

14

RESUMO

Objetivo: Investigar a associação entre a pandemia de COVID-19 e a prática da automedicação. **Metodologia:** Investigar a associação entre a pandemia de COVID-19 e a prática da automedicação. nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), da biblioteca eletrônica SciELO e na base de dados Bibliográficos: LILACS-Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. Com os descritores: Automedicação, COVID-19, Medicamentos sem prescrição e Assistência farmacêutica. **Resultados:** A maioria dos trabalhos identificados inclui estudos transversais, relatos de casos e análises de populações específicas (grupos de idade, ocupações etc.). Vale ressaltar a quantidade de palavras negativas como "prejudicar" e "risco" que aparecem nos títulos dos artigos relacionados à automedicação. Com relação aos medicamentos mais utilizados de acordo com os estudos da amostra final, os analgésicos corresponderam a 26%, vitaminas corresponderam a 26%, anti-inflamatórios a 18%, seguido pelos antitérmicos e antiparasitários, com 17% e 13% respectivamente. **Considerações finais:** O estudo constatou que existem muitas incertezas nos métodos de tratamento eficazes e métodos para SARS-CoV-2, a "promessa de tratamento" é usada para prevenir e amplamente utilizada para tratar a doença, o que indica que mais investimentos em pesquisas científicas estão sendo desenvolvido para facilitar o desenvolvimento o mais rápido possível desenvolver medicamentos seguros, eficazes e comprovados para prevenir e tratar COVID-19.

Luciano Darley de Araújo Santos

Graduando em Farmácia AESPI- Ensino Superior do Piauí
Teresina – Piauí



<https://orcid.org/0000-0002-1046-8489>

Maria dos Remédios Mendes de Brito

Farmacêutica, Mestre e Professora da AESPI- Ensino Superior do Piauí
Teresina – Piauí



<https://orcid.org/0000-0002-0478-5285>

PALAVRAS-CHAVES: Automedicação; COVID-19; Medicamentos sem prescrição; Assistência farmacêutica.

THE INFLUENCE OF THE COVID-19 PANDEMIC ON THE PRACTICE OF SELF-MEDICATION

DOI: 10.48140/digitaleditora.2022.005.14



ABSTRACT

Objective: To investigate the association between the pandemic of COVID-19 and the practice of self-medication. **Methodology:** To investigate the association between the pandemic of COVID-19 and the practice of self-medication in the databases of the Virtual Health Library (VHL), SciElo electronic library and in the Bibliographic database: LILACS-Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences. With the descriptors: Self-medication, COVID-19, Medicines without prescription and pharmaceutical assistance. **Results:** Most of the identified papers include cross-sectional studies, case reports and analyses of specific populations (age groups, occupations, etc.). It is worth noting the amount of negative words such as "harm" and "risk" that appear in the titles of articles related to self-medication. Regarding the most used drugs according to the final sample studies, analgesics accounted for 26%, vitamins accounted for 26%, anti-inflammatories for 18%, followed by antipyretics and antiparasitic drugs, with 17% and 13% respectively. **Final Considerations:** The study found that there are many uncertainties in effective treatment methods and methods for SARS-CoV-2, the "promise of treatment" is used to prevent and widely used to treat the disease, which indicates that more investment in scientific research is being developed to facilitate the quickest possible development of safe, effective and proven drugs to prevent and treat COVID-19.

Recebido em: 14/01/2022
 Aprovado em: 20/12/2022
 Conflito de Interesse: não houve
 Suporte Financeiro: não houve

KEYWORD: Self-medication; COVID-19; Non-prescription drugs; Pharmaceutical assistance.



INTRODUÇÃO

O pré-natal é um acompanhamento composto por condutas, cuidados à saúde da mãe e do feto. Sua automedicação é definida como o consumo de medicamentos que sem a devida prescrição médica, e de modo indiscriminado, ou seja, onde a pessoa assume o risco de realizar tal prática. Na maioria das vezes o indivíduo escolhe esta conduta por considerar mais vantajoso e por confiar no seu conhecimento, fazendo o uso de medicamentos que considera ser o mais adequado para tratar os seus sintomas. Existe também outras modalidades para a escolha da automedicação, como, o uso de medicamentos por indicações de terceiros não habilitados para tal (LEAL et al., 2021; MENDES et al., 2020; CAMPOS et al., 2020; PEREIRA et al., 2020).

O Brasil encontra-se no ranking dos países que mais fazem uso de medicamentos no mundo, possuindo cerca de 65 mil farmácias e drogarias, três vezes mais que o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), onde o recomendado é uma farmácia para 10 mil habitantes (NOVAIS et al., 2021; MALTA et al., 2020; FREITAS et al., 2020; SANTOS, 2020).

No Brasil, são várias as razões podem ocasionar a prática da automedicação, por exemplo: a legislação brasileira que facilita a venda livre, a visão que se tem do medicamento como uma mercadoria qualquer, as práticas das indústrias farmacêuticas, a dificuldade de acesso a consulta médica, a quantidade de farmácias e drogarias, a publicidades dos medicamentos e outros (APOLINÁRIO, 2021; LIMA, 2020; IMPERADOR et al., 2020; CARVALHO; GUIMARÃES, 2020).

A pandemia CoViD-19, teve seu surgimento a partir de um surto na China, entre setembro e outubro de 2019, porém, em menos de quatro meses depois, a situação estava fora de controle e o mundo presenciava algo totalmente desconhecido e assustador, no seu início, vários países foram os mais atingidos e já contabilizavam milhares de mortes, porém além dos problemas já enfrentados durante a pandemia, outro causou preocupação as autoridades de saúde, a prática da automedicação (BIONDI; IANNITELLI, 2020; GARCIA et al., 2018; PORTO et al., 2020a; PORTO et al., 2020b).

Durante o enfrentamento da pandemia de COVID-19, a frequência do consumo de medicamentos no Brasil provocou um alerta as autoridades de saúde. Com as fakes News, surgiram os chamados “tratamento precoce” ou “kit-covid”, baseada em uma combinação de medicamentos, sem comprovações científicas conclusivas de uso para este fim, entre eles, o mais famoso incluía a hidroxiquina ou cloroquina, em associação à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos e vitaminas. Este kit, se tornou conhecido e ganhou credibilidade, quando foram amplamente divulga-

dos e seu uso incentivado através das mídias sociais por profissionais médicos e autoridades públicas (GALVÃO, 2021; FALAVIGNA et al., 2020; MENDES et al., 2020;).

Apesar de alguns medicamentos consumidos nesta prática estarem isentos de prescrição médica, não se pode esquecer das intoxicações e efeitos adversos que eles podem vir ocasionar em seus usuários. No caso dos analgésicos e AINES (Anti-inflamatórios não- esteroides), podemos citar os principais efeitos: distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e efeitos no sistema renal (SILVA et al., 2021). O tema relacionado a prática da automedicação associado a pandemia de COVID-19 ainda é pouco abordado na produção científica brasileira, pois informações sobre este assunto ainda são escassas, por isso a importância da realização deste estudo.

Diante desse cenário, não pode-se imputar somente a estes consumidores o aumento da automedicação, já que o uso indiscriminado de outros medicamentos também colabora para este aumento. São diversos condicionantes e muitos outros fatores associados que promovem a prática, uma delas é o estímulo dado pela mídia e pelas autoridades. Nesse contexto, o estudo apresenta como objetivo investigar a associação entre a pandemia de COVID- 19 e a prática da automedicação.

METODOLOGIA

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

De acordo com a resolução nº 466/12 do Comitê de Ética de Pesquisa foram respeitados na íntegra todas as informações encontradas nos artigos das revistas citadas. Não havendo portanto necessidade de aprovação pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP).

MÉTODOS DE PESQUISA

Trata-se de um estudo bibliográfico realizado por meio de um levantamento da proposta em discussão- a associação entre a pandemia de COVID- 19 e a prática da automedicação.

A pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais publicados em livros, periódicos e redes eletrônicas e acessíveis ao público em geral. Seu objetivo é coletar informações culturais e científicas existentes sobre tópicos específicos. Fornece subsídios para a definição, resolução ou aquisição de novos conhecimentos a partir das informações divulgadas e tem como objetivo compreender sua contribuição teórica sobre um determinado tema.

CENÁRIO, PARTICIPANTES DO ESTUDO E COLETA DE DADOS

Para a elaboração da pesquisa foram realizadas consultas a artigos científicos na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), da biblioteca eletrônica SciELO e na base de dados Bibliográficas: LILACS-Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, por serem bibliotecas eletrônicas que dispõem de artigos atualizados e condizentes com os objetivos da pesquisa.

Para a seleção dos artigos foram utilizados os seguintes descritores: Automedicação, COVID-19, Medicamentos sem prescrição e Assistência farmacêutica. A busca por materiais ocorreu nos meses de setembro a novembro de 2021. Foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, nos idiomas português, inglês e espanhol, em textos completos, que tenham relação com a temática e recorte temporal de 2019 a 2021. Sendo excluída toda produção duplicada, editoriais, produção não relacionada com o escopo do estudo e que não atendam aos critérios de inclusão.

RESULTADOS

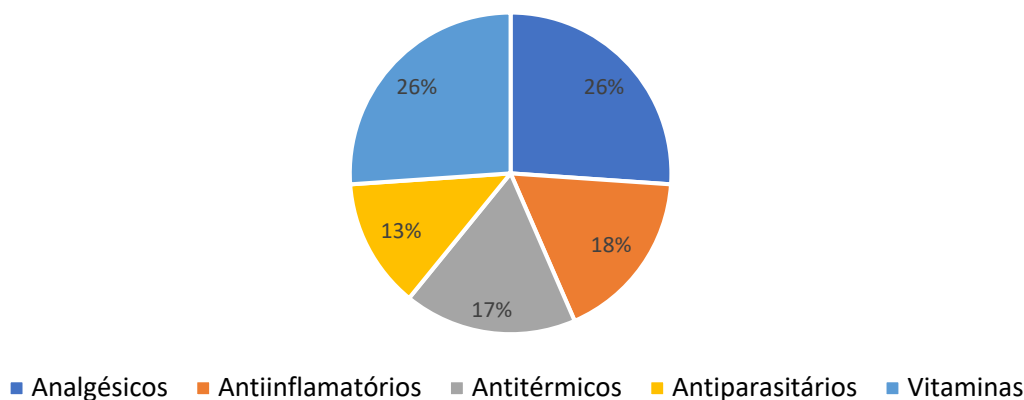
No quadro abaixo descreve a caracterização dos artigos científicos quanto ao Autor/ano, local da pesquisa, periódico, tamanho da amostra, sexo/idade e principais medicamentos utilizados (Quadro 1).

Autor/ano	Local da pesquisa	Periódico	Tamanho amostral	Principais medicamentos
ANDRADE, E.A et al., 2021	Curitiba	Brazilian Journal of Development	59	Analgésicos, anti-inflamatórios, antitérmicos e antibióticos.
LACERDA, M.G.C et al., 2022	Teresina	Revista Ciência Plural.	1748	Vitaminas e antitérmicos
MARROCOS, E.M et al., 2021	Nacional	Research, Society and Development	123	Analgésicos, vitaminas, antiparasitários, antitérmicos.
PITTA, M.G.R et al., 2021	Nacional	Research, Society and Development	1000	Vitaminas, antiparasitários, antibióticos, anti-inflamatórios, antitérmicos
MOTA, I.A et al., 2021	Nacional	Arq Neuropsiquiatr	710	Ansiolíticos, calmantes
JÚNIOR, A.G.A et al., 2021	Parnaíba	Arq Odontol	70	Analgésicos, vitaminas, antiácidos
SANTOS, K.K.A et al., 2021	Bahia	Research, Society and Development	54	Antiparasitários e vitaminas (A, C, D e do complexo B)
WOLFF, F.N; PEDER, L.D. 2021	Curitiba	Visão Acadêmica	107	Analgésicos, antibióticos, antivirais e anti-inflamatórios
BORBA, H.H.L et al., 2021	Nacional	Revista Saúde e Desenvolvimento Humano	250	Analgésicos, anti-inflamatórios, vitaminas, anti-histamínicos
SILVA, T.C.A et al., 2021	Piauí	Rev. Enferm. Contemp	35	Analgésicos,

A maioria dos trabalhos identificados inclui estudos transversais, relatos de casos e análises de populações específicas (grupos de idade, ocupações etc.). Vale ressaltar a quantidade de palavras negativas como "prejudicar" e "risco" que aparecem nos títulos dos artigos relacionados à automedicação. Além disso, o número de publicações sobre o assunto diminuiu significativamente nos últimos anos, os materiais que discutem o conflito entre a autonomia do paciente e o conhecimento biomédico são escassos e os produtos relacionados à pandemia Covid-19 têm crescido exponencialmente. A pequena quantidade de artigos que abordam a automedicação sob uma perspectiva positiva e a autonomia do paciente refletem a impopularidade do tema no meio acadêmico, o que pode estar relacionado a essa visão que parece questionar o papel e o poder dos médicos na prescrição de medicamentos.

Com relação aos medicamentos mais utilizados de acordo com os estudos da amostra final, os analgésicos corresponderam a 26%, vitaminas corresponderam a 26%, anti-inflamatórios a 18%, seguido pelos antitérmicos e antiparasitários, com 17% e 13% respectivamente (Gráfico 1).

Gráfico 1- Medicamentos mais utilizados durante a pandemia. Teresina-PI, 2021.



Fonte: Elaborado pelos autores.

No estudo de Andrade et al. (2021) em relação aos participantes, a maioria informou fazer uso de analgésicos, com 66,10% das respostas, seguido pelo uso de anti-inflamatórios com 59,32%, antitérmicos com 44,07%, antibióticos com 18,64% e outros medicamentos com 8,47%. Em um estudo realizado por Sousa e Sena (2017) foi observado a prevalência de anti-inflamatórios, com 57,89% e em segundo lugar os analgésicos com 31,58%. Outro estudo realizado na cidade de Fortaleza – Ceará, os medicamentos mais utilizados entre os acadêmicos de farmácia foram os analgésicos com 41,96%, e anti-inflamatórios com 21,13% (LIMA et al., 2018).

Durante a pandemia da COVID-19, foi intensa a propagação de informações sobre medicamentos que estavam sendo estudados como forma de tratamento ou prevenção da doença, isso acarretou o uso indiscriminado dessas medicações, em especial a cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina (SILVINO et al., 2020).

A automedicação com vitaminas também aumentou durante a pandemia, em especial a vitamina C e D, já que essas completam o protocolo do “kit COVID” (MELO et al., 2020). Este resultado no Brasil foi ocasionado pela avalanche de incertezas levando a população a recorrer mesmo sem precedentes para as farmácias. E com base em análises também se observou que durante este elevado índice do consumo da azitromicina, houve uma das fases mais críticas da pandemia no Brasil (MELO et al, 2021)

Em alguns estudos realizados em pacientes infectados pelo Sars-CoV-2, a vitamina C se mostrou eficiente, devido sua capacidade antioxidante, auxiliando na eliminação de radicais livres, possuindo

propriedades antivirais e anti-inflamatórias. Ela também auxilia na eliminação do excesso de líquido alveolar, proveniente do acúmulo de neutrófilos, reduzindo os danos provocados pela destruição excessiva que o sistema imune tende a causar nos casos de infecção, sendo positiva para os pacientes em estado grave de COVID-19 (ANDRADE et al., 2021).

Os medicamentos menos usados descritos na pesquisa de Sousa et al. (2021) são antigripais (0,14%) e medicamentos homeopáticos (0,41%). Visto que COVID-19 é uma doença nova, não há tratamento pré-determinado, portanto, vários estudos foram conduzidos usando medicamentos existentes para tratar seus sintomas. A divulgação das substâncias testadas no tratamento tem gerado uma grande demanda, o que tem levado ao uso irracional dessas drogas para o alívio dos sintomas (SOUSA et al., 2021).

No primeiro semestre de 2020, principalmente a partir de março, quando a epidemia atingiu o Brasil, verificou-se um aumento substancial nas vendas de medicamentos sem prescrição. No entanto, o maior aumento nas vendas ocorreu em julho de 2020, quando as informações sobre a importância da vitamina D na imunização foram amplamente divulgadas (SILVINO et al., 2020). Dentre os medicamentos mais utilizados na prática da automedicação, o grupo dos analgésicos foi o mais utilizado, além do grupo dos corticosteroides ser o menos utilizado (JÚNIOR et al., 2021).

Estudos internacionais mostram que diante dessa crise pandêmica e da variedade de informações que circulam na internet, plantas e muitas outras substâncias sem os requisitos mínimos de eficácia e têm sido propostas para tratar ou prevenir COVID-19 e esse uso sem orientação médica é considerado automedicação, por conta disso, casos de envenenamento e morte foram relatados nos EUA e na Nigéria em pessoas que se automedicavam com cloroquina o que torna imprescindível intensificar a educação em saúde com campanhas de conscientização para combater a desinformação sobre os produtos de prevenção do COVID-19 nas mídias sociais (SADIO et al., 2021).

No estudo de Pitta et al. (2021) sobre perfis de medicamentos fornecidos pelos participantes do estudo, a automedicação foi usada para prevenção com mais frequência do que contra COVID-19. Os medicamentos mais utilizados são as vitaminas e a própolis, correspondendo a 41,16%. O segundo medicamento mais utilizado é o antiparasitário Ivermectil (Vermectil®), com 17,82%, seguido do antibiótico azitromicina (Zitromax®), com 8,56% (Figura 1). Dentre os anti-inflamatórios não esteroidais, o mais utilizado é o paracetamol (8,01%), e o menos utilizado nessa categoria é o ibuprofeno (2,35%). Apenas 1,1% das amostras utilizaram hidroxicloroquina.

Aproximadamente 73,6% das pessoas relataram que ocasionalmente usaram medicamentos sem prescrição para prevenir COVID-19 e sem a orientação de profissionais treinados. Os medicamentos mais usados foram ivermectina, azitromicina e várias vitaminas (complexo A, C, D e B). O motivo alegado pela maioria das pessoas foi a influência da mídia e das redes sociais, orientadas pelos chamados médicos. Esses dados corroboram outros dados coletados pela pesquisa, na qual 16 participantes afirmaram ter muito medo de contrair o vírus (SANTOS et al., 2021).

Com a pandemia do coronavírus, vários estudos de categorias de medicamentos começaram a investigar a eficácia do combate ao vírus. Drogas desparasitantes (ivermectina, nitazoxanida) e anti-maláricos (cloroquina, hidroxicloroquina) e outras drogas mostraram inicialmente atividade antiviral em testes in vitro. Os ensaios clínicos ainda estão em andamento para investigar se eles são realmente eficazes e seguros, então os médicos usam o uso off-label, ou seja, prescrevem por sua própria conta e risco, porque nenhum medicamento antiviral eficaz está comprovado e não há evidências com diretrizes e protocolos para o tratamento desses pacientes (PINTO et al., 2021).

Em estudo realizado, com relação à automedicação influenciada pelas redes sociais, 70 pessoas (65,42%) disseram que já o fizeram, 102 pessoas (95,32%) disseram que conheciam a definição de au-

tomedicação e 36 pessoas (33,64%) disseram que não tinham conhecimento sobre possíveis riscos da automedicação. Entre todas as pessoas que afirmaram autoadministrar medicamentos sob influência das redes sociais, 11 pessoas (10,28%) relataram reações adversas ou alergias, 2 relataram tonturas, 3 relataram alergias de pele, 2 sofreram choque anafilático, entre outros medicamentos adversos fora da reação (WOLFF, PEDER, 2021).

No estudo de Borba et al. (2021) entre os indivíduos que relatam determinada doença, a ansiedade foi a mais comum (relatada por 55 entrevistados), seguida por hipertensão (n = 29), dislipidemia (n = 23), depressão (n = 21) e doenças da tireoide (n = 20). Quando questionados sobre a autoadministração, 53% (n = 133) dos entrevistados relataram ter usado medicamentos não prescritos pelo médico ou outro profissional de saúde, sendo o total de 34 categorias de tratamento diferentes.

Entre eles, os mais comuns são analgésicos (n = 87), anti-inflamatórios (n = 30), complexos de vitaminas / suplementos (n = 25), anti-histamínicos (n = 24) e relaxantes musculares (n = 18). Os motivos para não comprar medicamentos durante a pandemia incluíram "o médico não atualizou a prescrição quando o medicamento foi prescrito" (n = 2), "isolamento social (não sair de casa)" (n = 4), "finanças" (n = 1), "Acho que o medicamento não é necessário" (n = 2), "Médico solicita suspensão da medicação" (n = 1) e "Restrito no caso de Covid-19" (n = 1). (BORBA et al., 2021).



CONCLUSÃO

Vale ressaltar que a existência de polêmicas mais profundas em relação à automedicação se limita principalmente aos seus malefícios à saúde humana. Portanto, essa discussão reuniu materiais sobre como evidenciar conflitos para fazê-la aparecer mais no campo da farmácia e do profissional farmacêutico, pois embora seja consistente com a maioria dos trabalhos científicos, a insistência do brasileiro na automedicação é uma análise realista que vale a pena ser estudada de forma mais profunda.

O estudo constatou que existem muitas incertezas nos métodos de tratamento eficazes e métodos para SARS-CoV-2, a "promessa de tratamento" é usada para prevenir e amplamente utilizada para tratar a doença, o que indica que mais investimentos em pesquisas científicas estão sendo desenvolvido para facilitar o desenvolvimento o mais rápido possível desenvolver medicamentos seguros, eficazes e comprovados para prevenir e tratar COVID-19. E que mesmo com as vacinas disponíveis, todas as medidas de segurança devem continuar sendo tomadas, prevenindo assim, uma terceira onda de contágio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.E.; MORENO, V.G.; LOPEZ-ORTIZ, M.A. Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.7, p.73772-73784 jul. 2021. Disponível em: <https://10.5205/reuol.2052-14823-1-LE.0601201218>. Acesso em 18 nov. 2021.

APOLINÁRIO, J. M. D. S. D. S. O aumento do uso de anti-inflamatórios e antigripais na evolução da pandemia do sars-cov-2 no Brasil. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 2, n. 2, p. 71, 2021. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rem/article/view/1148>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BIONDI, M; IANNITELLI, A. CoViD-19 e stress da pandemia: “l’integrità mentale non ha alcun rapporto con la statistica”. *Riv Psichiatr*, Roma, v. 55, n. 3, p.131-136, jul. 2020. Disponível em:<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-32489188>. Acesso em 18 out. 2021.

BORBA, H.H.L.; CARVALHO, D.M.W. Comportamento do consumidor de medicamentos e serviços farmacêuticos: desafios atuais e horizontes pós-Covid-19. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, v. 9, n. 3, p. 01-12. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v9i3.7689>. Acesso em 18 out. 2021.

CAMPOS, D. M. O. et al. Fighting COVID-19/Combatendo a COVID-19. *Brazilian Journal of Biology*, v. 80, n. 3, p. 698-702, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1519-6984.238155>. Acesso em 14 nov. 2021.

CARVALHO, W; GUIMARÃES, Á. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as “milagrosas” em meio à Pandemia da COVID-19. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*, v. 3, n. 2, p. 234. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.147>. Acesso em 20 nov. 2021.

FALAVIGNA, M. et al. Diretrizes para o tratamento farmacológico da COVID-19. Consenso da Associação de Medicina Intensiva Brasileira, da Sociedade Brasileira de Infectologia e da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*. v. 30, n. 2, p. 166-196, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20200039>. Acesso em 12 nov. 2021.

FREITAS, A. R. R.; NAPIMOGA, M.; DONALISIO, M. R. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, p. e2020119, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000200008>. Acesso em 19 nov. 2021.

GALVÃO, A.J.A.; DA SILVA CAETANO, V; JOSÉ ZACARIAS PORTELA, I. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. *Arquivos em Odontologia*, v. 57, p. 26–35, 2021. Disponível em:<https://periodicos.ufmg.br/index.php/arquiosemodontologia/article/view/21849>. Acesso em: 18 nov. 2021.

GARCIA, A. L. F. et al. Automedicação e adesão ao tratamento medicamentoso: avaliação dos participantes do programa Universidade do programa Universidade Envelhecer. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p.715-724, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562018021.180106>. Acesso em 19 nov. 2021.

IMPERADOR, C. H. L et al. Cloroquina e hidroxicloroquina associado ao zinco e/ou azitromicina na COVID-19. *Ulakes Journal Medicine*. v. 1, p. 67-73, 2020. Disponível em: <http://revistas.unilago.edu.br/index.php/ulakes>. Acesso em 23 nov. 2021.

- JÚNIOR, A.G.A.; CAETANO, V.S.; PORTELA, I.J.Z. et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. *Arq Odontol*, Belo Horizonte, v. 57: e04, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7308/aodontol/2021.57.e04>. Acesso em 18 nov. 2021.
- LACERDA, M. G. DA C.; BARBOSA, A. R. DE M. Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus. *Revista Ciência Plural*, v. 8, n. 1, p. e25630, 25 out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2022v8n1ID25630>. Acesso 19 nov. 2021.
- LEAL, W; MELO, D. N. A; SILVA, F. C. S. Análise da automedicação durante a pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a azitromicina. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 8, p. 580–592, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1984>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- LIMA, J.M. da S. .; SILVA JÚNIOR, C. G. da .; CUNHA, S.M. R. de A. S. .; LIMA, M. I. da S. .; NUNES, E.M. A prática da automedicação por estudantes universitários. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 10, n. 8, p. e47610817594, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i8.17594. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17594>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 20. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>. Acesso em 20 nov. 2021.
- MALTA, D.C et al. Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilos de vida da população brasileira durante a pandemia de Covid-19. *Saúde em Debate*. 2020, v. 44, n. spe4 , pp. 177-190. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E411>. Acesso em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>. Acesso em 20 nov. 2021.
- MARROCOS, E. M.; FREITAS, A. S. F. de; CARNEIRO, G. M.; PITOMBEIRA , M. G. V. Elderly perception of the repercussions of the COVID-19 pandemic on their health *Research, Society and Development*, v. 10, n. 9, p. e41010918067, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18067. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18067>. Acesso em 18 nov. 2021.
- MELO, J.R.R. et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, p. e00053221, 2021. Disponível em: <https://10.34117/bjdv7n7-516>. Acesso em 18 nov. 2021.
- MENDES, B. S. et al. COVID-19 & SARS. *Ulakes Journal of Medicine*, v. 1, 2020. Disponível em
- MOTA, I.A et al. Impact of COVID-19 on eating habits, physical activity and sleep in Brazilian healthcare professionals. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. 2021, v. 79, n. 5, pp. 429-436. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0004-282X-ANP-2020-0482>> Acesso em 18 nov.2021.
- NOVAIS, T. K; ASSIS, B. M; DE PAULA, A. C. C; FRANCO, D. C. Z. . Automedicação como forma de tratamento da Covid-19 e suas consequências: Self-medication as a form of Covid-19 treatment and its consequences. *Archives of Health*, v. 2, n. 4, p. 1342–1347, 2021. Disponível em: <https://latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/ah/article/view/642>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- PEREIRA, M. D. et al. The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.493>. Acesso em 20 nov. 2021.
- PINTO, C. B. S.; CASTRO, C. G. S. O. O “kit-covid” e o Programa Farmácia Popular do Brasil. Espaço temático: COVID-19- Contribuições da saúde coletiva. *Cad. Saúde Pública*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00348020>. Acesso em 22 nov. 2021.

PITTA, M.G.R.; LIMA, L.P.; CARVALHO, J.S. et al. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, e28101119296, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19296>. Acesso em 17 nov. 2021.

PORTO, T. N.R.S.; RODRIGUES, T, S.; STANFORD, B.L. Fatores associados à automedicação em estudantes de enfermagem e enfermeiros: revisão integrativa de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 10, p. e4111, 30 out. 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e4111.2020>. Acesso em 19 nov. 2021.

PORTO, T.N.R.S.; BARBOSA, M.D.S.; CARMO, M.L. et al. Automedicação induzida pelos fatores midiáticos: uma abordagem no ambiente acadêmico. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, Vol.Sup.n.41 | e2840. p. 1-9. 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e2840.2020>. Acesso em 19 nov. 2021.

SADIO, AJ, Gbeasor-Komlanvi, FA, Konu, RY et al. Avaliação das práticas de automedicação no contexto do surto de COVID-19 no Togo. *BMC Public Health*, v. 21, n. 58, p. 234-39. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-020-10145-1>. Disponível em: . Acesso em 19 de março de 2021.

SANTOS, I. A. M. COVID-19 e Saúde Mental. *Ulakes Journal Medicine*. v. 1, p. 88-97, 2020. Disponível em: <http://revistas.unilago.edu.br/index.php/ulakes>. Acesso em 20 nov. 2021.

SANTOS, K. K. A; SANTOS, T. A; LUZ, D. A. The influence of social networks on the irrational use of medicines to combat COVID-19 by students of the pharmacy course and professionals from a private higher education institution. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, p. e0510716069, 2021. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16069>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SILVA, A. F; JESUS, J. S. P; RODRIGUES, J. L. G. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 4, p. 938–943, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1038>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SILVA, T. C. A.; JÚNIOR, F. das C. C. M.; SILVA, J. C. A.; CARVALHO, J. de S.; RIBEIRO, M. D. A.; BIÂNGULO, F. B. Automedicação em idosos da Atenção Básica. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 10, n. 2, p. 188–196, 2021. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/3667>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SILVINO, Valmir Oliveira et al. Vitamina D e doenças infectocontagiosas na pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e771974614-e771974614, 2020.

SOUSA JUNIOR, J. H. D; RAASCH, M. 2020. Da Desinformação ao Caos: uma análise das fake news frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cadernos de Prospecção*, v. 13, n. 2, p. 331-346. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/CP.V13I2>. Acesso em 20 nov. 2021.

SOUSA, F. das C. A. .; SANTOS, I. S. dos; BARBOSA, S. M. Analysis of drug consumption that suffered changes in its health regulation during the COVID-19 pandemic . *Research, Society and Development* . *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, p. e42710716758, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16758>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SOUZA, M. N.C; RICARDINO, I. E. F; SAMPAIO, K. Ocorrência de Automedicação na população brasileira como estratégia preventiva para SARS-CoV-2. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 10, n. 1, p. e44510111933, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11933>. Acesso em: 18 nov. 2021.

WOLFF, F.N.; PEDER, L.D. A influência das mídias sociais no uso de medicamentos. *Visão Acadêmica*, Curitiba, v.22 n.3, jul. 2021.